

nosso jeito de ver o mundo

Curitiba, sábado, 10 de abril de 2010
ano 37 - número 1.813

GAZETA DO POVO

Editor responsável: Cristiano Luiz Freitas
cristianoof@gazetadopovo.com.br

gazetinha

Thiago Banik e o cúme
nosso de cada dia...
PÁGINA 2

O novo disco do Strike e o
show dos caras na cidade.
PÁGINA 7

Como escolher o
computador ideal?
PÁGINA 8

Francisco Miguez é
Mano, protagonista
da longa-metragem.

Idas e vindas de Mano

Se você quer se reconhecer na tela grande, confira *As Melhores Coisas do Mundo*, que estreia nos cinemas na próxima sexta.

A *Gazetinha* promove uma sessão especial do filme antes do lançamento e você pode participar dessa proteção vip.

Confira.

Páginas 3 e 6



Especial

Fran e Gabi mandam bem na telona

Os jovens protagonistas de *As Melhores Coisas do Mundo* mostram uma desenvoltura impressionante no filme dirigido por **Lais Bodanzky**. Conheça um pouco mais dessa dupla de cinema



Francisco Miguez e Gabriela Rocha em cena de *As Melhores Coisas do Mundo*: atuação perfeita, apesar da inexperiência.

João Rodrigo Maroni

Quem observa a química perfeita entre **Francisco Miguez, 15 anos, o Mano**, e **Gabriela Rocha, 16, a Carol**, protagonistas de *As Melhores Coisas do Mundo* — nos cinemas a partir da próxima sexta (16) —, certamente vai imaginar que ambos são atores experientes e acostumados a trabalhar juntos. Nem uma coisa, nem outra. Além de nunca terem atuado antes (mesmo individualmente), a dupla nem se conhecia até os primeiros ensaios para o filme.

Francisco está no primeiro ano do ensino médio do colégio Oswald de Andrade, enquanto Gabi cursa o terceiro no Dante Alighieri — ambas escolas particulares da capital paulista, terra natal dos dois jovens. E foi mergulhando justamente nesse microuniverso de classe média que a diretora **Lais Bodanzky** e sua equipe escolheram, entre cerca de 2,5 mil jovens de vários colégios, a dupla principal do filme (leia mais nas páginas 4 e 5). E escolheu bem. A naturalidade e o carisma de Francisco e Gabriela em cena surpreendem.

Melhores amigos

Ao contrário do que parece, na trama do filme Carol não é a namorada de Mano, mas sim sua melhor amiga. Na vida real, Francisco e Gabriela têm perfis diferentes. Ele é mais caladão, pensa bastante

antes de falar, adora ir ao cinema e sente dificuldade em definir a própria personalidade. Já Gabriela, fala pelos cotovelos e prefere ficar em casa — diante do computador, é claro. "Sou bem mais tranquila que a Carol, é muito difícil me tirar do sério. Tem que ser algo bem grave", revela.

Em comum, essa dupla divide o fascínio pela experiência de ter entrado em um set de filmagens pela primeira vez. "Quando a gente assiste, não tem nem noção do que acontece dentro, pra fazer o filme", explica Gabi, que se surpreendeu com a parte de iluminação. "Têm milhões de coisas pra fazer a luz bater no rosto em tal ângulo. É muito legal, é genial", empolga-se. "Começamos a sacar mais os processos, o que leva a tal coisa", complementa Francisco.

Apesar disso, os dois ainda têm dúvidas se seguirão na carreira. "Mas gostei muito, porque eu tenho vontade de fazer alguma coisa relacionada a cinema, talvez sem ser atuação. Foi muito legal conhecer o set. Lembro que, no começo, eu ficava perguntando pra todo mundo. Aos poucos fui descobrindo o que rolava, e isso foi muito interessante", conclui Francisco.

ROCK E CINEMA

Francisco Miguez, 15, toca guitarra, é fã de cinema e odeia Química.

Como você se avalia como ator?

É difícil você se avaliar assim, na lata, se olhando ali. Cê vai mais pelo que as pessoas falam, você perde um pouco a referência.

Quais são seus filmes preferidos?

Não sei. Essas coisas vivem mudando meio rápido! Mas eu gosto bastante do *Paranoid Park* (de 2007, dirigido por **Gus Van Sant**) e do *Blow-Up - Depois Daquele Beijo* (**Michelangelo Antonioni**, 1966).

Você toca guitarra há 4 anos. Já montou banda?

Eu sempre montei bandas pra tocar no festival da escola. Mas agora tô meio parado.

Como você gastou a grana do filme?

Viajei pra Nova York e comprei tudo que queria, inclusive uma guitarra Fender Jazzmaster. Acho que gastei bem o meu dinheiro.



MÉDICA QUATRIZ?

Gabriela Rocha, 16, quer cursar Medicina, morre de rir com o filme *Se Beber, Não Case* e prefere o MSN ao Orkut.

Se lhe convidarem para atuar de novo, você topa?

Ah, eu gostaria. Se alguém me chamar pra alguma coisa interessante... Eu já tinha feito teatro, mas mais na brincadeira.

Qual cena foi a mais difícil?

A primeira! Nunca tinha ficado na frente da câmera, e com as pessoas mexendo na luz. Fiquei meio naquela coisa: "Meu Deus!"

O que você fez com o cachê do filme?

Eu guardei bem guardadinho. Não sou uma pessoa que gosta de coisas muito caras. Tem gente que paga R\$ 500 num tênis quando tem outro, igual, mas de outra marca, que sai por R\$ 50!

Um sonho?

Pegar uns amigos, botar num carro e sair conhecendo o litoral brasileiro.



"A gente teve contato com todas as áreas do cinema. Tinham profissões ali dentro que nem sabíamos que existiam."

Gabriela Rocha, 16, sobre o aprendizado no set de filmagens.

Especial



Mano e Carol, ao centro, cercados por outros personagens. Todos os papéis são interpretados por não-atores.

LEIA MAIS
A Gazetinha destacou em outras reportagens a série literária *Cidadão-Aprendiz*, de Gilberto Dimenstein e Heloisa Prieto, que deu origem ao filme (para ler, acesse <http://migre.me/ulmp>) e a trilha sonora, que traz um monte de bandas de garagem (<http://migre.me/ulpb>). Em outra matéria (<http://migre.me/uls1>), a gente discute melhor esse lance de cinema versus vida real. Entra lá!

Chegou a hora de se ver no escurinho do cinema

Mano e companhia invadem as salas de exibição com uma história que retrata fielmente o cotidiano de muitos adolescentes — sem exageros ou papas na língua

João Rodrigo Maroni

Como qualquer garoto da sua idade, **Hermano**, ou simplesmente **Mano**, 15 anos, adora sair com os amigos, ir a festas, se divertir, azarar e tocar seu violão. Porém, um acontecimento inesperado na família muda completamente a perspectiva do adolescente, que descobre que a vida de adulto pode ser bem complicada.

Contar mais do que a sinopse é estragar as inúmeras surpresas escondidas em *As Melhores Coisas do Mundo*. O longa-metragem dirigido por **Lais Bodanzky** (*Chegada Saúde e Bicho de Sete Cabeças*) estreia no dia 16 e se destaca ao retratar — com

extrema fidelidade — a rotina de um grupo de estudantes paulistanos de classe média.

A reportagem da *Gazetinha* esteve em São Paulo para acompanhar uma sessão exclusiva da fita — que foi baseada na série de livros *Cidadão-Aprendiz*, de **Heloisa Prieto** e **Gilberto Dimenstein** (1) — e bater um papo com a equipe. “O filme é um pouquinho a ideia de olhar pelo buraco da fechadura. Porque tem coisas ali que eu tenho certeza que eles não conversam com os pais. São questões de muita intimidade das famílias”, dispara **Lais Bodanzky**, que recebeu o convite para dirigir a produção há 3 anos.

Repetindo a parceria com o rotei-

rista **Luiz Bolognesi**, **Lais** buscou um método diferenciado para desenvolver os personagens e a trama do filme. Montou grupos de discussão em escolas particulares de Sampa, de onde tirou opiniões, histórias de vida e até o elenco adolescente, que, na verdade, nunca havia atuado antes. “Deixamos claro que eles precisavam se apropriar daquela história. Foi uma ferramenta que utilizei para que o filme tivesse a linguagem deles. O roteiro sempre existiu, com seus diálogos objetivos, mas o tempo inteiro eles sabiam que tinham que falar aqueles diálogos com um tempo cronometrado, mas usando suas próprias palavras”, explica a simpática diretora.

“O que rola nos filmes que retratam a adolescência é que eles sempre tentam colocar todo mundo no mesmo saco e virar um estereótipo.”

Francisco Miguez, 15, intérprete do Mano.

Temas como suicídio, drogas, bullying e sexo — principalmente — estão presentes na produção, mas sem exageros. “Por mais que a gente não tenha vivido determinada situação, a gente buscava alguém que já tivesse tido”, conta **Francisco Miguez**, que interpreta o protagonista. “A **Lais** dava a intenção pra gente e, às vezes, algumas palavras-chave. O resto tínhamos que falar do nosso jeito”, revela **Gabriela Rocha**, 16, a Carol, melhor amiga de Mano. Até que enfim, um retrato fiel da nossa juventude.

*O primeiro plano a seguir é uma cena da produção do filme.





Os irmãos Mano (Francisco Miguez) e Pedro (Fluk) conversam com o pai, Horácio (Ze Carlos Machado), numa das principais – e mais tensas – cenas do filme. Abaixo: Mano no "pior dia de sua vida" e a galera reunida... no puteiro!



Foto: Ilustração

Entre estrelas e estrepantes

Não é só o desempenho dos não-atores que chama a atenção em *As Melhores Coisas do Mundo*. O elenco profissional também manda superbem, servindo como coadjuvante da garotada. "Eu precisava de pessoas que entendessem que o filme era dos adolescentes, tinham que vir abertos para esse projeto, respeitando aqueles que estavam atuando pela primeira vez. Tinha que ser generosos", justifica Lais Bodanzky.

"O trabalho que a gente fez foi muito bacana, de aproveitar o que esses meninos tinham pra dar. Nós, atores de cartelinha, ficamos ali assistindo, recebendo aquele olhar deles", explica a atriz **Denise Fraga**, que faz o papel da mãe de Mano e Pedro. O pai deles, **Horácio**, é interpretado por **Zé Carlos Machado**.

E por falar em Mano e Pedro, a dupla é respiráveis por momentos emocionantes na telona. "Fizemos um laboratório lindo. Foi um baita curso pra mim", desabafa **Fluk**, que graças ao bom desempenho no filme foi convidado para *Malhação 1D*. "Meu personagem é um moleque dono pra caramba, bem diferente do **Bernardo**. Mas também é romântico. E o filme não fala só sobre adolescência, mas também de família, de separação", revela.

O ator **Paulo Vilhena**, que junto com **Caio Blat** completa o time de estrelas, faz o professor de violão de Mano, uma espécie de guru do jovem. "Eu queria que a casa do professor fosse realmente um casulo, que preservasse o Mano do que acontecia fora, que ele realmente tivesse uma sensação de bem-estar", finaliza.

Filme quer fugir dos estereótipos

Quando adultos tentam retratar adolescentes em novelas ou no cinema, o resultado é quase sempre desastroso. A opinião é de Francisco Miguez e Gabriela Rocha, que, assim como outros

estudantes, participaram da "consultoria" feita pela produção do filme para, justamente, tentar fugir dessa armadilha.

"A adolescência é um processo de amadurecimento, de ir em busca de um monte de coisas e tentar entender quem você é. O que eu acho legal do filme é o fato de não cair no estereótipo, de falar 'adolescentes são isso', e não faz aque-

la mistura de gírias que não chegam a lugar nenhum e que fica um negócio totalmente fake", avalia Francisco.

Para o roteirista Luiz Bolognesi, houve inclusive a preocupação de não fazer do protagonista um herói. "Na nossa adolescência a gente faz um monte de cagadas – e no resto da vida também! Então não queríamos que o Mano

fosse um projeto politicamente perfeito do começo ao fim. Além do que, ele seria chatinho!", comenta. "Não tem o personagem bom e o personagem ruim, sabe? Não é a menina excluída e a menina popular. A menina popular, tipo, ela tem alma, assim como a excluída. Mostra vários tipos de pessoas", explica Gabriela.

Para Lais Bodanzky, o filme

ajuda não só a quebrar estereótipos, mas também aproxima gerações. "Os adolescentes são tão comuns quanto nós adultos e têm uma adolescência muito próxima da nossa, em que o drama é: 'Nossa, eu ainda não transeii!', ou, em muitos casos, 'Eu ainda não beijei!'. São questões bem de iniciação da vida mesmo", constata.